

INSTITUTO CARLOS GOMES - FUNDAÇÃO CARLOS GOMES - BELÉM - PARÁ

Anamaria Catarina Nobre Peixoto

A realidade Amazônica, na qual está inserido o Pará, precisa ser vista como um vasto "continente" dentro de outro que é o Brasil. Se temos a percepção dessa dimensão, podemos avaliar as dificuldades existentes no relacionamento entre os amazônidas e entre esses e o resto do país. Apesar da tecnologia que dispomos, ainda não conseguimos encurtar distâncias tão consideráveis.

Visto deste prisma Belém se isola da Amazônia e se relaciona mais facilmente com o nordeste e sul do país, embora em alguns casos não tão próximos fisicamente.

Em se tratando de música, pouco se tem produzido nessa região, a não ser em Belém, que tem se transformado à vários anos em um pólo gerador nessa área.

Com tradições culturais muito fortes, principalmente desenvolvidas na época áurea da borracha, de quando data a construção do Teatro da Paz, sem dúvida um dos mais bonitos e importantes do país, Belém desenvolveu com a vinda de companhias líricas que lá se apresentavam uma tradição operística e instrumental.

É do final do século, 1897, a criação do Instituto Carlos Gomes em homenagem ao grande músico brasileiro que, a convite do governo paraense, retorna ao Brasil e vive seus últimos dias em Belém.

Essa tradicional escola de música tem sido responsável pela formação de gerações de músicos, principalmente instrumentistas, cantores e regentes que àquela época seguiam para a Europa buscando aperfeiçoar-se em suas áreas.

É de se notar que no final do século passado Belém contava com quatro Editoras Musicais, justificadas pela produção local à época, onde se destacavam nomes como Meneleu Campos, Henrique Gurjão, Cincinato Ferreira e Domingues Brandão, entre outros.

Na atualidade poucas expressões tem se sobressaído no campo da composição, entretanto destacam-se nomes como o de Waldemar Henrique com suas canções sobre temas amazônicos, cantadas interna-

cionalmente, Agostinho e Wilson Fonseca com obras de caráter religioso, popular e folclórico. Mais recentemente Altino Pimenta tem escrito peças para piano e para canto e Luiza Camargo tem publicado Pequenas Peças para Piano pela Gráfica Editora Universitária da UFPa (1991).

O canto lírico, de fortes tradições culturais, devido a presença em terras paraenses de grandes companhias líricas que aqui se apresentavam no Teatro da Paz, no final do século passado e início deste, possibilitou o surgimento de belíssimas vozes como as dos irmãos Ulysses e Helena Nobre, ele tenor, ela soprano ligeiro, Maria Helena Coelho Cardoso, soprano dramático que atuou em óperas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Adelfino Matos que estudou e atuou em óperas em Milão e mais recentemente Marina Monarcha, soprano, responsável pelo novo impulso dado nessa área.

O piano tem sido sem dúvida o instrumento dominante em todas as épocas e assim, pianistas foram formados pelas mãos de Enid Barroso Rebello, Helena Souza, Guilhermina Nasser e Doris Azevedo as quais, hoje, ocupam lugar de destaque, quer como educadores, quer como intérpretes ou administrando a política musical do Pará.

O movimento coral em Belém tem sido considerável. Em 1951 foi criada a Superintendência do Canto Orfeônico ligada a Secretaria de Estado de Educação, tornando obrigatório o canto nas escolas da Rede Estadual de ensino. Seus professores participaram de cursos no Rio de Janeiro sob a orientação de Villa-Lobos, de onde retornaram para assumir a direção dos Orfeões nas escolas. Destacaram-se à época os nomes de Maria Luzia Vela Alves, Maria Figueiredo, Margarida Schiwazappa, Adelfino Matos, Maria Alfaia e Yolanda Peralta.

Mesmo antes do advento da Lei 5.692, o canto já havia silenciado em nossas escolas, pois a aposentadoria ou mesmo a morte desses professores e a inexistência de substitutos afastaram a música das escolas, situação que se prolonga até nossos dias.

No entanto, surgiram coros como o Ettore Bosio (1961 a 1981) e o Madrigal da UFPa, tendo a dirigí-lo atualmente João Bosco Castro, que tiveram e tem papel relevante no cenário musical, divulgando principalmente o repertório brasileiro.

Atualmente são inúmeros os coros de faculdades, igrejas e empresas que realizam trabalhos junto à comunidade, faltando-lhes, no entanto, formação mais sistematizada de seus regentes e integrantes.

Com o advento da Universidade Federal do Pará foi criado em 1964 o Serviço de Atividades Musicais, hoje Escola de Música que passa a desenvolver trabalhos visando a formação de instrumentistas. Incentivadas

pelo então diretor Altino Pimenta, as professoras Helena Maia e Anamaria Peixoto criaram em 1974 a Orquestra Juvenil da UFPa, com o objetivo de estimular e desenvolver a prática instrumental. Note-se que muitos dos professores que lecionavam, notadamente instrumentos de sopro, eram oriundos de Bandas Militares de Belém e integravam também a Orquestra da UFPa, criada por Nivaldo Santiago.

Essa Orquestra atuou no período de 1964 a 1979 e era composta por músicos formados pelo Instituto Carlos Gomes e por instrumentistas provenientes de Bandas Militares. Tal orquestra desempenhou papel importante na divulgação do repertório musical sinfônico, além de estimular o surgimento de jovens instrumentistas. Teve a dirigi-la Alfredo Trindade, José de Ribamar Souza e Luis Oliveira Maia, entre outros.

Com a instituição da FUNARTE, Belém passou a ser um dos pólos do Projeto Espiral, tendo como sede o Instituto Carlos Gomes. Realizaram esse trabalho Birgitta Fassi Fihri, violinista sueca e Linda Kruger, violoncelista norte americana que estiveram em Belém no período de 1977 a 1981. Novamente, como em outros momentos no passado, os instrumentistas que participaram do projeto deixaram Belém, os violoncelistas para os EEUU, os violinistas para o sul do Brasil.

Com a criação em 1986 da Fundação Carlos Gomes, tendo como superintendente Maria da Glória Caputo, esta Instituição passa a ser responsável pela política cultural musical no Estado do Pará, além de dar suporte ao Instituto Carlos Gomes.

Uma das grandes preocupações do Brasil de ontem e de hoje, é a falta de instrumentistas de cordas que suprissem orquestras. Diante da problemática, resolveu a Fundação Carlos Gomes investir num projeto de cordas.

Essa tentativa se dá em 1988, com o retorno de Linda Kruger à Belém, dessa feita com o objetivo de desenvolver pesquisa bibliográfica visando utilização do folclore brasileiro em método para instrumentos de cordas. Realizando um trabalho conjunto com Anamaria Peixoto, Linda levantou vasto material que foi selecionado e utilizado no livro Iniciando Cordas Através do Folclore, publicado pela Gráfica Editora Universitária da UFPa, (1991) em dois volumes, Livro do Professor e Livro do Aluno.

Crianças e adolescentes da Rede Estadual de Ensino que não teriam acesso tradicionalmente a esse tipo de trabalho, vindas de processo anterior de musicalização pela Fundação Carlos Gomes, passaram a integrar o Projeto Cordas, baseado no método acima citado.

Possuindo a Fundação Carlos Gomes a Orquestra de Câmara do Pará, criada em 1988 e considerada uma das melhores do país, sendo constituída em sua base por professores búlgaros que também lecionam

no Instituto Carlos Gomes os alunos de cordas do projeto, passaram, a partir de 1991, a receber aulas individuais de Alexander Serafimov e Eugene Ratchev (violino), Haralampi Mitkov (viola), Vassil Kazandjiev e Petar Saraliev (violoncelo), além de Jonas Arraes (contrabaixo), Jairo Chaves (viola) e Paulo Keuffer e Celson Gomes (violino). É de se ressaltar o trabalho que vem sendo desenvolvido na área de Percussão pelo Prof. Luiz Roberto Cioce Sampaio, a partir de 1988 e que tem como resultado o Grupo de Percussão da Fundação Carlos Gomes.

Uma experiência muito importante está sendo feita com meninos de rua pela Prof^a. Anamaria Peixoto, num projeto integrado entre a Fundação Carlos Gomes e a Fundação do Bem Estar Social do Pará (FBESP), desde 1988, com a finalidade de educar musicalmente através de trabalhos com corpo e voz. No presente momento está sendo desenvolvida a Banda de Música, que oferecerá aos meninos de rua a oportunidade de uma expressão mais abrangente.

A riqueza do trabalho se estende em várias direções: higiene pessoal dos integrantes do Projeto; o enriquecimento com os conhecimentos trazidos pelas crianças; a consciência de que estão tendo uma oportunidade de ascensão social; a partilha dessa ascensão com a comunidade original; o despertar de lideranças entre os integrantes, quer sejam crianças ou seus acompanhantes da FBESP.

A forte tradição de Bandas Musicais existentes no interior do Estado está sendo revista pela Fundação Carlos Gomes que está revitalizando-as, viabilizando o instrumental necessário, prestando assessoramento e manutenção desse material e possibilitando cursos de atualização para mestres e instrumentistas.

Com a criação da Habilitação em Música, no âmbito Estadual ligada a Fundação Carlos Gomes e mais recentemente na Universidade Federal do Pará, a nível de graduação, acredita-se que nova etapa se cumprirá com o aparecimento de Educadores Musicais mais qualificados, tentando-se introduzir definitivamente a música nas escolas.

Diante do exposto, mais do que nunca se faz necessária a criação dos cursos de bacharelado, procurando fixar o músico a sua terra, dando-lhes porém, a possibilidade de desenvolver seu potencial musical através de melhor preparo para o desempenho de sua função junto a sociedade.